

# Nas Entrelinhas da Tela: Machado de Assis e a Influência realista nas telas do cinema brasileiro contemporâneo

Matheus da Costa Nunes

Universidade Presbiteriana Mackenzie,  
mathnunes1@hotmail.com

**Resumo:** O artigo examina a contribuição de Machado de Assis para a literatura e sua influência na representação do Brasil no cinema contemporâneo. Embora tenha emergido como escritor em um contexto literário romântico, destacou-se por sua abordagem realista e crítica da realidade brasileira em contraste com a tendência romântica de idealização do país. Sua visão autêntica e irônica permitiu que explorasse a complexidade da sociedade brasileira, revelando as contradições da burguesia da época. Além disso, a sua estética inovadora influenciou a língua portuguesa e inspirou narrativas experimentais. O artigo também destaca como a abordagem de Machado influenciou o cinema nacional contemporâneo, exemplificado em filmes como *Central do Brasil*, *Cidade de Deus* e *Bacurau*. Essas obras cinematográficas desafiam a realidade, registram a sociedade e denunciam questões sociais, mantendo uma visão crítica e autêntica do Brasil. O trabalho também aborda a persistente dificuldade do país em estabelecer um cinema nacional forte, ressaltando a contínua onda de exaltação ao estrangeirismo. Nesse contexto, a chamada "síndrome de vira-lata" é analisada. Isso ressalta a necessidade de valorizar a produção cinematográfica nacional e a importância da influência de Machado de Assis na construção de uma visão crítica e autêntica da cultura e identidade brasileiras tanto na literatura quanto no cinema. O escritor, ao incorporar elementos culturais brasileiros em sua obra, representou de forma genuína a cultura de sua época, desafiando estereótipos e contribuindo para uma visão rica e crítica da identidade brasileira. Em resumo, esse estudo analisa a influência de Machado de Assis na literatura e no cinema brasileiro, enfatizando a importância de manter uma visão autêntica e crítica da cultura e identidade do Brasil.

**Palavras-chave:** Literatura; Cinema; Realismo.

**Abstract:** The article examines the contribution of Machado de Assis to literature and his influence on the representation of Brazil in contemporary cinema. Although he emerged as a writer in a romantic literary context, he stood out for his realistic and critical approach to Brazilian reality in contrast to the romantic trend of idealizing the country. His authentic and ironic vision allowed him to explore the complexity of Brazilian society, revealing the contradictions of the bourgeoisie of that time. Furthermore, his innovative aesthetics influenced the Portuguese language and inspired experimental narratives. The article also highlights how Machado's approach influenced contemporary Brazilian cinema, exemplified in films such as *Central do Brasil*, *Cidade de Deus* and *Bacurau*. These cinematic works challenge reality, depict society, and denounce social issues while maintaining a critical and authentic view of Brazil. The paper also addresses the persistent difficulty of the country in establishing a strong national cinema, emphasizing the ongoing wave of foreign praise. In this context, the so-called "vira-lata syndrome" is analyzed. This underscores the need to value national film production and the importance of Machado de Assis's influence in building a critical and authentic view of Brazilian culture and identity in both literature and cinema. The writer, by incorporating Brazilian cultural elements into his work, genuinely represented the culture of his time, challenging stereotypes and contributing to a rich and critical view of Brazilian identity. In summary, this study analyzes the influence of Machado de Assis on Brazilian literature and cinema, emphasizing the importance of maintaining an authentic and critical view of Brazilian culture and identity.

**Keywords:** Literature; Cinema; Realism.

## 1. INTRODUÇÃO:

Antes de entrar no contexto histórico e alinhado a este, fazem-se algumas observações acerca de Machado de Assis: foi contista, cronista, jornalista, romancista, poeta e teatrólogo e fumaça dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1896 e seu presidente no ano seguinte, negro, de origem humilde e órfão de mãe desde muito cedo, era autodidata. Começou suas produções literárias ainda no Romantismo, algumas delas: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874) e *Helena* (1876); porém, foi no Realismo que ficou conhecido por ser o maior escritor brasileiro de todos os tempos, atingindo então sua maturidade literária e consagrando-se.

No século XIX, com o surgimento do Romantismo, é marcada uma fase fundamental no Brasil: o nacionalismo. Esse período literário e artístico desempenhou um papel crucial na formação da identidade cultural nacional, influenciando significativamente a produção literária e as artes da época, deixando uma marca indelével na literatura e na construção da identidade do país. Tal movimento artístico-social, valorizou a expressão das emoções, da individualidade e das **raízes nacionais**, desempenhando um papel crucial na formação das brasilidades que temos hoje em nossa sociedade brasileira. José de Alencar, por meio de sua produção literária, retratou as particularidades da sociedade brasileira, retratando o índio como herói nacional em três de seus romances: *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), influenciando a imaginação coletiva do país.

Neste contexto, mesmo nas obras de caráter mais ufanista e subjetivo, como é o caso das elencadas acima, pode-se observar um desejo ocasionalmente explícito de uma compreensão mais profunda da realidade, com uma conexão mais sólida com o mundo objetivo e material. Todas essas concepções, que inicialmente pareciam direcionadas mais para um anti-romantismo do que para um realismo estrito, revelam uma preocupação em alcançar uma certa "impessoalidade" na expressão poética. No entanto, antes de concluir apressadamente que isso representa um romantismo intencionalmente distorcido da realidade, é importante levar em consideração as palavras de Bosi:

O romântico não teme as demasias do sentimento nem os riscos da ênfase patriótica; nem falseia de propósito a realidade, como anacronicamente se poderia hoje inferir: é a sua forma mental que está saturada de projeções e identificações violentas, resultando-lhe natural a mitização dos temas que escolhe." (Bosi, 2005, p.186)

Em resumo, o Romantismo desempenhou um papel crucial na formação da cultura nacional brasileira, fornecendo uma plataforma literária para a expressão das emoções, da identidade nacional e das críticas sociais. Autores como José de Alencar e Machado de Assis contribuíram significativamente para a construção da narrativa cultural do Brasil, deixando um legado literário valioso que ainda ecoa na literatura contemporânea do país.

Entretanto, é precisamente a essa "mentalidade rica em idealizações" que o Realismo se contrapõe. Como resultado do período de industrialização em curso, acompanhado por uma crescente "estratificação das classes sociais", as correntes de pensamento se alinham, mesmo que conservando vestígios de um romantismo nostálgico, a um comprometimento mais profundo com a realidade que os cerca, incorporando o artista a esse contexto. Por isso, é notável a ênfase na necessidade de ruptura, frequentemente expressa apenas como uma "intenção filosófica", desvinculada da realidade material, na qual muitos líderes dos países centrais do capitalismo desempenhariam um papel proeminente na literatura e na produção intelectual.

Nesse movimento, Machado de Assis, um dos maiores escritores da literatura brasileira, e a quem grande parte deste artigo será dedicado, utilizou sua habilidade satírica para criticar os modismos da época, como o positivismo, em suas crônicas publicadas em revistas e jornais cariocas. Machado também aplicou sua genialidade literária para questionar ideias e pensamentos que considerava inconsistentes. Um exemplo notável dessa abordagem crítica é *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), uma obra-prima da literatura brasileira considerada o marco inicial do Realismo no Brasil, que expandiu as fronteiras do ensaio para o campo da produção ficcional. Nesse romance, Machado de Assis adotou uma perspectiva irônica e inovadora ao colocar a narração em 1ª pessoa e como protagonista da história um autor-defunto (ou seria um defunto autor como o próprio personagem questiona ao

leitor?), desafiando convenções literárias da época utilizando o realismo fantástico e explorando de maneira profunda e perspicaz questões sociais, filosóficas e culturais do Brasil. Nesse romance, o que se observa muito também são o diálogo com o leitor, a ironia, marcada e registrada do escritor e já mencionada, o humor e a sátira, assim como as memórias e divagações da personagem.

Segundo Antonio Candido (2004, p. 175), afirma que a literatura atua em níveis de subconsciente e inconsciente, e que a participação de tais autores em um movimento que moldaria a percepção de como o Brasil é visto, apresentado e representado proporcionaria experiências comparáveis àquelas vivenciadas no mundo tangível, como na sala de aula ou na educação fornecida pela família. Isso ocorre porque a mente tende a processar narrativas de maneira mais eficaz do que conceitos abstratos complexos. No entanto, quando esses conceitos são incorporados às histórias, eles se tornam mais facilmente integrados à nossa concepção de realidade de forma semelhante às experiências vividas ao longo da vida.

Convém lembrar que ela [a literatura] não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isso significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções: seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade (Candido, 2004, p. 175-176).

O escritor Silviano Santiago (1978) destaca o exemplo de Machado de Assis em sua obra *Dom Casmurro* (1899) ao afirmar que Machado procurou explorar determinados padrões de raciocínio, certos mecanismos de pensamento e uma certa retórica benevolente. Esses elementos, segundo Santiago, estão profundamente enraizados na cultura brasileira devido à influência do "bacharelismo", que, de acordo com Fernando de Azevedo, "nada mais do que um padrão de pensamento moldado pela forma retórica e acadêmica do ensino colonial, bem como pela educação religiosa."

Para Élide Valarini Oliver (2008), nas obras de Machado de Assis, há um foco no ensaio psicológico. Isso significa que as suas histórias tendem a priorizar a análise das consequências do desenvolvimento de uma personalidade fortemente influenciada pelo contexto social. A autora destaca que, nas narrativas machadianas, essa ênfase na construção social da personalidade leva a uma alienação da alma do protagonista, sendo substituída pela adoção de máscaras e uniformes que simbolizam a crise de identidade que o personagem central enfrenta, tal como ocorre em *Dom Casmurro*. Em essência, a autora está apontando para a tendência de Machado de explorar como as pressões sociais e a conformidade podem desempenhar um papel significativo na formação da psicologia e identidade dos personagens em suas obras.

Machado de Assis, como um intelectual consciente, íntegro e possuidor de um aguçado espírito crítico, realizou uma análise impiedosa da alma cultural brasileira. De maneira irônica, ele apontou os defeitos presentes nesse contexto, evidenciando-os e contribuindo assim para uma reflexão profunda sobre a influência do pensamento metropolitano na formação do pensador e escritor latino-americano. Esse artigo explora a influência de Machado na literatura e no cinema brasileiro, destacando como ele contribuiu para uma representação autêntica e crítica do Brasil, enfatizando a necessidade de valorizar a produção nacional e a importância da influência do autor na construção de uma visão autêntica da cultura e identidade do Brasil na promoção de uma representação crítica e genuína do Brasil na literatura e no cinema.

## 2. O ESCRITOR E O CINEASTA: AS INFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Heloísa Buarque de Holanda (1978) defende a ideia de que literatura e cinema formam um conjunto de fenômenos interconectados. Ambas as formas artísticas buscam evocar a emoção estética e desafiar nossa capacidade de recepção:

Se na literatura a imagem se projeta em nossa mente através da leitura e das dimensões de que cada um é capaz de atingir, no cinema, cujo princípio de

composição se liga, de um modo ou de outro, ao fenômeno literário, essa mesma imagem é projetada direta e visivelmente nos nossos olhos, com movimento, som, em processos de vibração ótica e vibração auditiva (Holanda, 1978, p. 15-16)

O cinema surge como um catalizador de lembranças, compreendendo que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 1994, p. 55), em outras palavras, a lembrança se faz como uma imagem construída por diversos tipos de recursos que fazem parte e tornam real a nossa consciência atual.

Alguns não reconheciam a visão do Brasil em sua obra, enquanto outros celebravam o escritor como o pioneiro de nossa literatura a incorporar questões universais em seus escritos. No entanto, ambas essas interpretações não conseguiram identificar a nova perspectiva nacional que Machado de Assis estava introduzindo. O próprio autor, em seu ensaio "Instinto de Nacionalidade", aborda a necessidade de uma literatura nacional distinta daquela previamente produzida. Conforme ele explica em seu texto, a nacionalidade não pode ser restrita à representação da paisagem brasileira e a temas exclusivamente relacionados ao Brasil. É essencial explorar a natureza humana em sua essência e seus conflitos, mesmo que ocorram em um contexto específico, não devendo ser limitados por ele.

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (Assis, 1959, p. 817).

Machado de Assis valoriza esse tipo de literatura que é universal, capaz de alcançar pessoas de todas as épocas e locais. Essa literatura se destacava consideravelmente daquela produzida em seu tempo, que se limitava principalmente à manifestação nacional que nossos escritores ofereciam e que era bem recebida pelos leitores: uma representação da natureza brasileira. Ela era considerada nacional apenas por abordar a paisagem e os temas do Brasil.

A conexão entre o Cinema Novo e a literatura sempre manteve uma chama acesa de que tal intersecção era possível e plausível. O movimento se valeu de importantes obras da literatura brasileira, sobretudo aquelas que retratavam de maneira autêntica as condições de vida das classes mais desfavorecidas, como fonte de inspiração. Em seu livro *O cinema brasileiro moderno*, Ismail Xavier (2005, p. 18) sustenta:

Foi um produto de cinéfilos, jovens críticos e intelectuais que, ao conduzirem essa atualização estética, alterara, substancialmente o estatuto do cineasta no interior da cultura brasileira, promovendo um diálogo mais fundo com a tradição literária e com os movimentos que marcara, a música popular e o teatro naquele momento.

O autor está afirmando que o Cinema Novo foi um movimento originado por entusiastas de cinema, jovens críticos e intelectuais que, ao introduzirem uma renovação estética na produção cinematográfica, efetivamente mudaram o papel do cineasta dentro da cultura brasileira. Eles promoveram uma conexão mais profunda entre o cinema e a tradição literária, bem como com os movimentos culturais que estavam em voga naquele período, incluindo a música popular e o teatro. Isso sugere que o Cinema Novo foi um movimento que transcendeu os limites do cinema, influenciando e sendo influenciado por várias outras formas de expressão artística no Brasil.

## 2.1 O PRÉ-CINEMA NOVO E O IMPACTO MACHADIANO NA FORMAÇÃO CULTURAL

Até as décadas de 50 e 60, a produção cinematográfica brasileira estava predominantemente influenciada pelas temáticas e pelo estilo de produção norte-americanos, com a indústria cinematográfica brasileira sendo amplamente dominada por produções de Hollywood. O que

predominavam nas realizações do cinema nacional eram principalmente tentativas de emulação desses filmes estrangeiros.

Nesse período, um gênero amplamente popular conhecido como "chanchadas" ganhou destaque. Caracterizada pelo burlesco e simplicidade tanto na produção quanto no roteiro, a produção conquistava um grande público. Se tentarmos traçar uma linha que formalize a baixa potência cinematográfica nacional, comparada com o cinema estrangeiro, frustramos, afinal, uma série de fatores sociais, culturais e geracionais faziam desse gênero uma espécie de "monumento" dentro de um meio que não se atrevia a sequer existir: o cinema brasileiro.

As chanchadas (JUNIOR, parodiando-os, como, por exemplo, os filmes europeus antes do neorealismo e da *nouvelle vague* e, principalmente, as produções norte-americanas. Então, prestes a iniciar a era do Cinema Novo, uma possibilidade que destacasse seu sucesso seria sua semelhança para com o estrangeiro?

Após o falecimento de Getúlio Vargas e até o golpe militar de 1964, o Brasil experimentou um rápido processo de industrialização e urbanização, no qual a sociedade, que historicamente estava enraizada na agricultura e na exportação, teve pouco tempo para se adaptar a uma nova estrutura social.

Na Era Vargas, o Brasil já estava em processo de modernização, e, como Wolney Malafaia (2012, p. 6) aponta, esse tipo de transformação tende a ser mais desafiadora para nações em desenvolvimento, pois muitas vezes ocorre de maneira abrupta e tardia. Durante o governo de Juscelino Kubitschek, com a acelerada industrialização, os setores culturais ganharam maior relevância e começaram a exercer influência sobre a opinião pública, alinhando-se ao fervoroso nacionalismo desenvolvimentista da época. Foi nesse contexto de rápida industrialização, em uma sociedade que havia sido predominantemente agrária até recentemente, que os artistas se intelectualizaram e o ativismo social e político se fortaleceu, dando origem ao movimento conhecido como Cinema Novo. Diante desse cenário intrincado de modernização acelerada e industrialização em grande escala, as questões sociais tornaram-se mais pronunciadas, e no cinema surgiu um desejo ardente de representar a verdade da pobreza e da precariedade no Brasil, buscando soluções para esses desafios. Nas palavras de Glauber Rocha:

Onde houver um cineasta, de qualquer idade ou de qualquer procedência, pronto a por seu cinema e sua profissão a serviço das causas importantes de seu tempo, aí haverá um germe do CINEMA NOVO" (*Revista Civilização Brasileira*, ano 1, no 3, 1965: 170).

A crítica em relação à produção cinematográfica brasileira teve seus primórdios na década de 1950, dando início a um movimento de conscientização sobre a importância de desvincular a estética e o conteúdo do cinema nacional das influências hollywoodianas. Essa preocupação emergiu como uma reação ao predominante gênero das "chanchadas", que era amplamente produzido e consumido na época, caracterizado por sua completa adesão ao estilo americanizado de cinema. Isso justifica o Cinema Novo como sendo mais do que apenas um movimento cinematográfico e artístico, era, antes de tudo, um movimento político, visto que os cineastas desse período questionaram profundamente a estrutura socioeconômica e política do Brasil.

### 3. UM MACHADO NO CINEMA CONTEMPORÂNEO

Antonio -la ao que se fazia na Europa culta, enquanto também buscavam expressar a realidade local, na qual o Romantismo no Brasil fez parte de um importante capítulo no processo mais amplo de construção da identidade nacional, representando um elemento do movimento de independência.

A obra de Machado de Assis aborda uma ampla variedade de temas que se originam no cenário urbano da cidade do Rio de Janeiro, mas que, partindo do âmbito local (o que é brasileiro), alcançam uma dimensão universal. Isso revela que sua obra não se limita apenas a refletir as experiências da sociedade brasileira ou carioca, mas tem a capacidade de encapsular valores humanos e práticas sociais que transcenderam a cultura ocidental e cosmopolita.



No viés moralista, Machado nunca demonstrou ser um romântico moralista de fato, porque segundo Bosi (2003, p. 79), “Machado de Assis nunca foi, a rigor, um romântico (o Romantismo está Às suas costas); mas sim pelo gosto sapiencial da fábula que traz, nascostas ou nas entrelinhas, uma lição a tirar.” Isto é, não era simplesmente o objetivo emcausar ao leitor uma lição de moral, mas sim causar uma reflexão sobre o que foi escrito, fazer com que o leitor visse, com as lentes da realidade, o que para elite, muito distante de tal cenário, não era capaz de enxergar.

Dentro de sua escrita, Machado de Assis explora temas como o adultério, a sociedade patriarcal, relações de influência, o liberalismo econômico e político, casamentos por interesse, ambição e poder. Ele estabelece uma conexão entre a realidade e a imaginação criativa, utilizando uma linguagem artisticamente elaborada para criar uma beleza literária. Isso é alcançado por meio de um tratamento especial da linguagem, transformando palavras comuns em algo poético por meio da inventividade na forma como são articuladas e relacionadas, surpreendendo tanto em termos de forma quanto de significado. Para atingir esses efeitos, dois recursos se destacam: o humor e a ironia.

Para o professor Pedro Meira Monteiro (2018, p. 355):

O mais canônico dos escritores nacionais é também um dos mais sintomáticos. Nele, estão cifradas as grandes questões que balizam a imaginação sobre o Brasil e sua literatura: regional e global, afrodescendente de inspiração europeia, criador de narradores que minam o seu próprio poder, ora explicando o país e sua complicada inserção mundial, ora parecendo distanciar-se dos limites nacionais. Machado de Assis não dorme em paz: seu corpo e sua memória são chamados a auxiliar as mais diferentes causas e, não raro, o escritor se converte num grande monumento escolar, embora em outras ocasiões esse Machado imaginário se mantenha calado, como uma esfinge que nos olhasse de cima.

Em outras palavras Machado, de Machado de Assis, “é real, bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco”. Com essa sinceridade e necessidade incessante de representar o real que destaca a riqueza e a complexidade da obra de Machado de Assis, que transcende as categorias tradicionais e permanece relevante para inúmeras discussões e interpretações, tornando-se uma figura literária icônica e multifacetada.

Passando para o presente, considerando as influências de Machado no cinema nacional, a partir da aprovação da Lei do Audiovisual em 1993, os filmes brasileiros destacaram-se entre o público local e o público estrangeiro, com críticas que ressaltam, quase que de maneira unânime, a exposição da realidade “nua e crua” do Brasil.

Se pensarmos em títulos, como *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles, *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles ou *Bacurau* (2019), de Walter Mendonça, conseguimos traçar diversas semelhanças que os tornam aclamados pela crítica.

Em primeiro lugar, todos esses filmes abordam questões sociais e culturais do Brasil de maneira profunda. *Cidade de Deus* explora a vida nas favelas do Rio de Janeiro, expondo as desigualdades sociais, raciais e a violência urbana. Por sua vez, *Central do Brasil* narra a história de uma mulher que ajuda pessoas a escrever cartas na estação de trem, revelando as complexidades das relações humanas e a diversidade cultural do país. Enquanto isso, *Bacurau* mergulha nas dinâmicas da vida rural e na resistência contra ameaças externas, trazendo à tona temas de relevância política.

Além disso, tais produções alcançaram reconhecimento internacional. *Cidade de Deus* recebeu uma indicação ao Oscar, *Central do Brasil* conquistou o Globo de Ouro e *Bacurau* venceu o Prêmio do Júri no Festival de Cannes. Esse reconhecimento destaca a qualidade dessas produções e o seu impacto global.

Outro ponto em comum é a narrativa envolvente presente em cada um dos filmes. Eles oferecem histórias cativantes com personagens complexos, proporcionando uma visão rica e autêntica da sociedade brasileira. O realismo é uma característica marcante em todos esses filmes, refletindo ambientes e situações do Brasil com grande autenticidade. Por fim, todos os três filmes também são conhecidos por sua crítica social e política. *Bacurau*, em particular, destaca-se por sua abordagem política e social, mas *Cidade de Deus* e *Central do Brasil* também não deixam de explorar questões

sociais relevantes.

Jena Claude afirma que

A história do cinema no Brasil muitas vezes esteve mais ligada aos desejos dos entusiastas e historiadores do que à realidade objetiva. Isso aconteceu devido à preocupação com a influência cultural estrangeira e sua ameaça à cultura nacional. Assim, a narrativa da história do cinema no Brasil foi moldada pela necessidade de preservar a identidade cultural brasileira diante dos desafios da globalização cinematográfica. (1979, p. 11)

A necessidade em tornar vivo e o presente e para o futuro. A identidade cultural, mesmo bombardeada pelas diversidades da globalização, narra a “realidade objetiva” descrita por Claude.

Na influência passada, Machado, cujo trabalho no movimento do Realismo brasileiro buscava representar a realidade brasileira de forma objetiva e crítica, é revisitado, fazendo com que esses filmes contemporâneos se dediquem a retratar a sociedade e as questões sociais de seu tempo. O Realismo era conhecido por fugir de idealizações e oferecer uma representação crua da realidade, evitando romantizações, e os filmes seguem essa tradição ao mostrar o Brasil de maneira autêntica.

A crítica social é uma característica compartilhada entre todos. Machado de Assis frequentemente usava sua literatura para criticar a sociedade e suas instituições, e os filmes exploram questões sociais contemporâneas, sendo *Bacurau* notável por sua crítica política. Além disso, tanto os escritos de Machado quanto os filmes contemporâneos caracterizam-se pela criação de personagens complexos e multifacetados, o que é uma marca distintiva do Realismo. Os filmes buscam retratar personagens com profundidade psicológica e complexidade emocional, de forma semelhante ao que Machado fazia em suas obras.

O estilo artístico e a narrativa também apresentam semelhanças. Machado de Assis era conhecido por seu estilo literário único, que frequentemente envolvia elementos de humor e ironia. Os filmes também empregam técnicas de *storytelling*, que envolvem o público, muitas vezes por meio de elementos de humor e ironia, criando uma experiência envolvente para os espectadores.

Assim, embora essas obras pertençam a diferentes formas de arte, elas compartilham traços do Realismo brasileiro e da estética de Machado de Assis. Continuam contribuindo para a tradição literária e cinematográfica do Brasil, trazendo consigo elementos que ecoam o legado do Realismo e contribuem para a crítica social e a representação autêntica da realidade brasileira. Para a professora Élide Valarini Oliver (2017, p. 138):

A forma ficcional conhecida como Realismo refina tais usos de detalhes, qualia - como costumam ser chamados esses elementos de percepção únicos a uma dada consciência individual. Acrescentar elementos carregados de qualia é condição sine qua non para a criação de um mundo mimético, cuja capacidade de representação possa fazer jus ao nome de literatura realista: o efeito do real.

Machado de Assis deixou um legado incontestável na cultura brasileira. Sua influência é tão profunda que, desde então, a literatura e o cinema brasileiros têm continuado a expor a realidade do país de maneira crítica e autêntica, e suas obras são valorizadas tanto nacional quanto internacionalmente. Assim, a estética realista e a abordagem entrelaçam-se de maneira como Machado tem a sua representação da cultura nacional, que continua ecoando em novas gerações de artistas, inspirando-os e explorando as complexidades da sociedade brasileira e contribuindo para a riqueza cultural do país.

#### 4. A FORMAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA E O COMPLEXO DE VIRA-LATA:

O jornalista Nelson Rodrigues estava profeticamente correto ao proclamar, já na década de 50, que os brasileiros carregavam consigo um "complexo de vira-latas". Tragicamente, ao longo dos anos, essa aflição parece ter se aprofundado ainda mais. É como se essa tendência de se subestimar

diante do mundo se tornasse uma característica endêmica de nossa sociedade. Esse complexo, sinônimo de “humilhação ao estrangeiro”, é um retrato de uma longa jornada, incitado por um colonialismo forçado, que fomos impostos, desde o início do Brasil. Para Ribeiro (1995, p. 33-34) vários grupos indígenas foram atraídos, tanto por portugueses quanto por franceses, com o objetivo de proteger os interesses dessas populações europeias em violentos conflitos entre os povos nativos americanos. Esse recrutamento ocorria de acordo com a necessidade de dominação, definida principalmente pela utilidade estratégica. Em resumo, nas palavras desse autor, "eles nem sabiam porque estavam lutando; eram incitados pelos europeus, que exploravam sua agressividade mútua."

A instituição das capitânias hereditárias não conseguiu garantir o completo monopólio português. A colônia brasileira passou a atrair a atenção de diversas outras nações, que desafiavam o governo lusitano por meio da atividade de piratas e corsários ingleses, bem como invasores franceses e holandeses, todos disputando o controle das regiões litorâneas do Brasil. Para Boris Fausto (1996, p. 32):

A Coroa lusa abriu brechas nesses princípios, principalmente devido aos limites de sua capacidade de impô-los. Não estamos falando apenas da existência do contrabando, pois o contrabando era uma quebra pura e simples das regras do jogo. Estamos falando sobretudo da posição de Portugal no conjunto das nações europeias. Os portugueses estiveram na vanguarda da expansão marítima, mas não tinham os meios de monopolizar seu comércio colonial. Já durante o século XVI, as grandes praças comerciais não se situavam em Portugal, mas na Holanda. Os holandeses foram importantes parceiros comerciais de Portugal, transportando sal e vinho portugueses e açúcar brasileiro, em troca de produtos manufaturados, queijos, cobre e tecidos. Obtiveram com isso muitas facilidades.

Do ponto de vista econômico, esse movimento deu origem aos três principais fundamentos econômicos que prevaleceram no país por mais de três séculos: a monocultura (centrada na produção de cana-de-açúcar), o latifúndio (com grandes extensões de terra nas mãos dos senhores) e a utilização de mão-de-obra escrava. Com todo este pano de fundo cultural pré-estabelecido, foi-nos, enquanto brasileiros, estabelecida uma identidade cultural formada por sua história. Rita Ribeiro (2008, p. 13) menciona que as nações se diferenciam por sua identidade histórica, que não é apenas uma representação de suas origens, mas sim o resultado de um processo temporal moldado por sucessivas representações do que desejam ser. Em resumo, a distinção entre nações está enraizada na identidade nacional, que busca condensar um território e seu povo, conectando-os aos tempos primordiais de sua origem. Então, se a cultura está formada por sua história, como a cultura brasileira se estabeleceu em meados de obrigatoriedade de recepção e absorção de influências externas? Não nos foi dada escolha, tivemos que aceitar o estilo europeu, que se apresenta até hoje na arquitetura colonial das grandes capitais, uma língua que substituiu a local e mantém-se como a língua principal, a portuguesa, a religião católica até aos vestuários, de homens trajados de ternos em um país tropical para apresentar-se como elegante seguindo o código de vestimenta (*dress-code*) corporativo.

Com isso, a cultura brasileira foi moldada ao longo de sua história por influências de diversos povos. Dos pioneiros portugueses na colonização que trouxeram a mão de obra africana para trabalhar nas terras recém-descobertas. Além dos trabalhadores estrangeiros, os índios nativos, que até o século XVI habitavam aqui e exploravam as riquezas naturais para sua subsistência, também foram subjugados como escravos. Além disso, a presença dos franceses e holandeses no país deixou suas próprias contribuições na formação da identidade cultural do Brasil.

Por meio das expressões culturais de uma sociedade, é possível compreender melhor sobre sua realidade e história. Essas manifestações, carregadas de marcas e informações que nos mostram valores e questões históricas de um povo, atuam como um espelho da mentalidade de um povo, oferecendo uma visão de como ele se enxerga e percebe o mundo ao seu redor.

A identidade cultural se faz no decorrer de um processo de interação entre o ambiente cultural e o indivíduo. Nesse processo, o conhecimento transmitido pela comunidade em que o indivíduo está inserido se encontra com os conhecimentos adquiridos por meio de suas experiências pessoais. Essas



situações de intercâmbio cultural acontecem constantemente, abrangendo desde as experiências cotidianas até o conhecimento organizado de forma sistemática.

No que diz respeito às obras cinematográficas, faz-se necessário abordar dois momentos cruciais na história do cinema brasileiro: o Cinema Novo e o Cinema Marginal, pois ambos estão intrinsecamente ligados a esses movimentos. O Cinema Novo surgiu como resposta à necessidade dos jovens cineastas brasileiros de se distanciarem do cinema estrangeiro de Hollywood, que frequentemente retratava uma realidade distante da brasileira.

Diante desse cenário, um grupo de realizadores optou por produzir seus filmes de maneira independente, contando com orçamentos reduzidos, mas uma notável liberdade e criatividade. Essa iniciativa coletiva resultou em um conjunto coeso de filmes que não apenas revelavam fortes influências literárias e artísticas, mas também expressavam o desejo de representar a realidade próxima de uma parcela significativa da sociedade brasileira que raramente era retratada nas telas de cinema. Muitos desses filmes, portanto, tinham o sertão como cenário, inspirando-se nos romances regionalistas da década.

Apesar de o Cinema Marginal ter perpetuado a tradição do cinema de autor introduzida no Brasil pelo Cinema. Assim, em contraposição a uma percepção de elitismo associada ao Cinema Novo (que, ao buscar se afastar de Hollywood, por vezes se aproximou do cinema europeu, notadamente do Neorealismo italiano), o Cinema Marginal levou ao extremo algumas das práticas do Cinema Novo. A estética da fome deu lugar à estética do lixo. Os personagens marginais, como prostitutas e criminosos, dominaram a tela, e, adicionalmente, os próprios filmes personificaram essa exclusão, permanecendo à margem dos circuitos de distribuição e frequentemente escapando à compreensão do público. Similarmente ao Cinema Novo, esse movimento também se esforçou por harmonizar o conteúdo de seus filmes com sua forma distintiva.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o incentivo à produção cinematográfica brasileira recebe substancial apoio financeiro do Estado, contudo, o retorno desse investimento é notavelmente limitado, considerando que o consumo não guarda correlação direta com o aumento da produção. Isso se deve à ausência, no âmbito desse esforço de incentivo, da inclusão do público brasileiro como parte integrante da equação de consumo do produto final.

O cinema brasileiro nunca pôde ser visto como indústria consolidada, o que houve foram períodos e políticas que o mantiveram em ativa. Manter os programas de incentivo não representam mal algum ao setor, pelo contrário, além de garantirem sua existência, mostram que o cinema não pode ser um produto industrial que deva seguir a lógica do mercado, mas sim, manter-se como uma arte de resistência num mercado tão sensível à democratização da cultura (Melo, 2009).

Faltam políticas socioculturais efetivas para envolver o público e incentivá-lo a frequentar as salas de cinema para prestigiar a produção nacional. A tentativa de emular os padrões hollywoodianos ameaça relegar o cinema brasileiro a uma posição periférica, minando sua capacidade de desenvolver uma identidade cinematográfica única. Mas, em meio a tanta dificuldade, porque continuar investindo no Cinema Nacional? E qual o legado de semelhança que esse aspecto tem ao compararmos a sua influência para com Machado de Assis?

A crítica literária revela- parece ser uma característica estrutural e inerente ao estilo do intérprete, que transita do texto alheio para o seu próprio." (1987, p.286).

Existem diversas abordagens possíveis para analisar um mesmo texto literário, e o caso de Machado de Assis é exemplar quando se trata dessa diversidade de interpretações. Ao longo dos anos, os estudos interpretativos têm se esforçado para ler as obras de Machado de Assis de diferentes maneiras, ora destacando ora omitindo, uma série de elementos presentes em seus contos e romances. Assim, temos uma percepção de Machado de Assis que se transforma com o tempo, moldada pelas lentes dos críticos.

A literatura surge como uma detenção da memória e o conhecimento histórico, aplicado a enredos e destaques de membros de uma comunidade representada, faz com que sua identidade e representatividade mantenham-se viva. O cinema nacional surge como um representante que ilustra em suas produções um Brasil que caminha para um futuro de esperança em direção a transformações, tornando-se menos desigual, mais justo, menos preconceituoso, e que honra as suas próprias tradições. As produções encapsulam a realidade do agora marcadas pelo futuro e registradas para ele.

Já Machado de Assis expõe em sua escrita a dependência e a alienação imaginária do sujeito, denunciando a realidade em que está inserido e deixa registrado, por meio da ficção, aspectos da realidade, permitindo que o leitor encontre uma margem para a interpretação do mundo real de sua escrita, muitas vezes, transcendendo o óbvio; e é o que vemos no cinema contemporâneo nacional: Seja uma ex-professora que, relutantemente, embarca em uma viagem com um menino órfão em busca de sua família, criticando a falta de oportunidades educacionais, a desigualdade social, a exploração de menores, a corrupção e a indiferença das autoridades em relação aos problemas enfrentados pelas camadas mais vulneráveis da população, ou um filme que retrata a vida em uma favela do Rio de Janeiro, destacando a violência, a criminalidade e a falta de oportunidades enfrentadas pelos moradores, além de criticar a marginalização social e a falta de políticas públicas eficazes para abordar esses problemas e por fim um filme que descreva a luta de uma comunidade no sertão nordestino do Brasil contra ameaças externas, abordando questões como a resistência local, a marginalização das regiões remotas e a exploração por interesses externos.

Todos esses exemplos resgatam o ideal machadiano de denúncia social, que mesmo que de forma sutil, expressa o Brasil no qual vivemos, e que pode ou não ser o mesmo no futuro, mas que está registrado para o lazer, para a pesquisa ou para a memória, que fica intacta, registrada e imutada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDET, J. C. Cinema brasileiro: Propostas para uma história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BOSI, Alfredo. "A interpretação da obra literária." In: BOSI, Alfredo. *Céu, inferno. Ensaios de críticas literária e ideológica*. Editora Ática. 1988. p. 274-287.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2a ed, São Paulo: Cultrix, 1985.

BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil: História do Brasil cobre um período de mais de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

JUNIOR, Nelson Silva. "Cinema Novo e Glauber Rocha: a identidade do cinema nacional".

*Veículo*. 2013.

MALAFAIA, Wolney Vianna. "Imagens do Brasil: o Cinema Novo e as metamorfoses da identidade nacional". *Veículo*. 2012.

MELO, Patrícia Medeiros de. “O financiamento do cinema no Brasil: as leis de incentivo e a possibilidade de autonomia”. *Revista ALCEU*. vol. 10, no 19, p. 61 – 76, jul./dez. 2009-2007.

MONTEIRO, Pedro Meira. (2018). Machado de Assis e sua crítica. *Revista Estudos Avançados*, v. 32(92), p. 355-360.

OLIVER, Élide Valarini. (2008). Guimarães Rosa e os astros (com reflexões em Machado de Assis). *Revista USP*, (76), 129-148

OLIVER, Élide Valarini. *Machado de Assis em Linha*. São Paulo, v. 10, n. 20, p. 134-146, abril, 2017.

RIBEIRO, Gonçalves Maria Rita. *A Europa na identidade nacional*. Portugal. Universidade do Minho, 2008.

ROCHA, Glauber. “Revolução do Cinema Novo”. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

XAVIER, Ismail. *O cinema brasileiro moderno*. op. cit., p. 1